

A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia Soviética

GRAZIELA SCHNEIDER (ORG.)

São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. 273p.

*Carmen Susana Tornquist**

Em uma hora mais do que oportuna, a Boitempo lançou uma coletânea de textos produzidos, no bojo da Revolução Russa, por mulheres que construíram o movimento feminista naquele país. Organizado com grande cuidado, o livro foi traduzido diretamente do russo por 14 tradutoras e contém textos de onze autoras: Alexandra Kollontai, Nadjiedja Krupskaja, Anna Kalmanovitch, Olga Chapiro, Maria Pokrovskaja, Liubov Gurievitch, Ekaterina Kuskova, Ariadna Williams, Inessa Armand, Elena Kuvchinskaja e Konkordia Samoilova. Cada artigo é antecedido de uma biografia e fotos, contando ainda com ilustrações, algumas destas posteriores ao período áureo da revolução soviética, como o pôster que ilustra a capa, de 1961.

Os textos transpiram o pulsar dos vários movimentos sociais que se expandiram na Rússia e na Europa, nos quais se manifestam, também, a presença das mulheres e das questões feministas. Mas há ainda as atas, os comunicados e os panfletos que compõem a obra expressando a vitalidade do movimento das mulheres que desde meados do século XIX se organizava na Europa e na Rússia.

Boa parte do livro é composta por textos de Krupskaja e de Kollontai, escritos no auge do período revolucionário, mostrando o quanto as pautas feministas faziam parte deste processo, ao mesmo tempo que trazem elementos para pensar

* Doutora em Antropologia da UDESC. E-mail: carmentornquist@hotmail.com

como as mulheres socialistas já vinham se organizando coletivamente. As referências a esses encontros estão expressas nos artigos de escritos entre 1850 e 1910, além daqueles escritos entre os paradigmáticos anos situados entre 1917 e 1928. “Relações entre os sexos e luta de classes”, “Guerra e maternidade”, de 1920 e “A trabalhadora e a religião”, de 1922, escritos por Krupskaja, por exemplo, revelam a inserção da autora no cotidiano das trabalhadoras soviéticas e a sensibilidade para seus dilemas pessoais. No artigo “Por que para as mulheres é mais difícil perder a fé”, Krupskaja reflete sobre a falta de tempo das mulheres, sua alienação e a dificuldade de romperem com uma determinada psique feminina, mesmo no contexto de avanços sociais promovidos pela revolução. Escrevendo em um contexto de escassez, de boicote à revolução e de guerra civil, Krupskaja faz uma reflexão complexa que inclui preocupações demográficas presentes no Estado daquele momento, envolvendo o maternalismo que marcou a primeira onda do feminismo no Ocidente, propondo formas coletivas de socialização e cuidados com as crianças, que deveriam estar a cargo do Estado, o que permitiria a emancipação das mulheres.

Além da conhecida batalha das trabalhadoras por equipamentos coletivos de cuidado, é particularmente interessante e atual a reflexão de várias autoras, como Krupskaja, sobre o papel da religião junto às mulheres russas. Elas questionam seus camaradas no que se refere à moral sexual: “Os nossos intelectuais que têm a mente bastante livre quanto às questões da moral sexual são contaminados por um grau bastante alto pela abordagem burguesa no tema dos anticoncepcionais. [...] Feito um burguês genuíno, nosso intelectual fecha os olhos para a depravação já existente criada pelas condições sociais revoltantes, considera as amplas massas propensas à depravação e, como um avestruz, esconde a cabeça embaixo de frases vulgares. É preciso falar destes assuntos sem nenhum risinho cínico” (p.98).

Alexandra Kollontai acentua em seus textos a dimensão da propriedade e das individualidades burguesas, que extravasa o âmbito material e envolve a psique dos amantes, mesmo em novos arranjos. Daí a necessidade de ruptura com a moral burguesa, presente no contexto da revolução. Para ela, estas aflições estão relacionadas à propriedade burguesa: “a ideia da propriedade [que] ultrapassa os limites dos casamentos legais, ela é um momento inevitável que se infiltra mesmo na relação amorosa mais livre. Para rechaçar o fantasma da solidão sempre vigilante sobre nós, invadimos a alma do amado e exigimos nossos direitos sobre os segredos de seu eu espiritual com crueldade e indelicadeza incompreensíveis para a humanidade futura” (p.183). Além disto, diz ela mais adiante, um elemento agravador da distorção da psique moderna é o conceito de dupla moral, ligado à ideia de desigualdade entre os sexos: “Os três momentos principais que deformam a psique da pessoa moderna: o egocentrismo exacerbado, a ideia de propriedade dos cônjuges e o conceito de desigualdade dos sexos na área da psicofisiologia, que cria obstáculo para o caminho da resolução da questão sexual” (p. 182). Para Kollontai, a crise sexual só poderia ser resolvida com uma reforma radical

na psique humana, o que passaria forçosamente por um “aumento na potência amorosa da humanidade”, e esta implicaria, forçosamente, a reconstrução radical das relações sociais e econômicas da sociedade, como as que colocam em curso o comunismo (p.181).

A antologia é rica na apresentação de dados referentes à organização do feminismo na Rússia. Todas as autoras contribuíram diretamente para os congressos que ocorreram no final do século XIX e XX. Anna Kalmanovitch, por exemplo, atuou no Congresso de mulheres de toda a Rússia, ocorrido em 1908, e, dois anos depois, no Primeiro Congresso de toda a Rússia contra o comércio de mulheres, que debateu o problema da prostituição feminina. Esse tema foi alvo da análise de Maria Pokrovskaja, que diz: “o excessivo desenvolvimento do instinto sexual masculino, sua irrefreabilidade, constitui uma das causas mais importantes da prostituição, aumentando a demanda por ela, e, por isto sua oferta” (p.54). Refrear o instinto sexual dos homens seria chave na luta contra a prostituição. E, assim como as demais feministas russas, ela aposta na construção de uma nova moral através de processos educativos. A mesma autora argumenta que, em 1889, segundo dados oficiais, 45% das mais de 17 mil prostitutas russas eram ex-criadas domésticas. E, diz Pokrovskaja, uma criada pessoal é “uma escrava que qualquer um humilha de todas as formas possíveis: “Seu dia de trabalho é entregue ao bel-prazer completo de seus senhores” (p.57).

O artigo de Liubov I. Gurievitch, “Sobre a questão da igualdade dos direitos das mulheres no meio camponês”, de 1907, trata de um tema recorrente na obra: o campesinato, que, como sabemos, é um tema crucial na análise da particularidade da Rússia. Gurievitch analisa as resoluções do Congresso de Formação da União dos Camponeses, bem como os materiais da *União pela Igualdade dos direitos das mulheres* e outros documentos de movimentos sociais rurais expressivos da politização do campesinato russo de então, tendo por foco as mulheres camponesas.

O livro também traz textos posteriores à *débâcle* do processo revolucionário pós-1928, quando muitos dos avanços promovidos pelo Estado soviético foram sendo derrubados por Stalin, entre 1929 e 1955. Como exemplos, podemos citar juntamente com as autoras o fim do direito ao aborto, ao divórcio e à homossexualidade, aliados ao desmonte da seção feminina do Partido Comunista da União Soviética, simultaneamente à perseguição aos críticos do regime. A organizadora sublinha que somente após a Segunda Guerra Mundial alguns destes direitos são reconquistados, num contexto distante do período efetivamente revolucionário. Mas a atualidade de cada linha desta obra salta aos olhos, ultrapassa o pouco do que ressaltamos aqui. As palavras de toda a obra pulsam e fazem eco às principais questões de nosso tempo histórico e, por isto, provocam nosso posicionamento. Num contexto em que são retalhadas as legislações trabalhistas no Brasil e no mundo e quando a luta de classes se impõe como desafio a exigir coragem e discernimento, a leitura desta obra contribui, decisivamente, na retomada da perspectiva classista e revolucionária do feminismo.